

O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder

JAIME OSORIO

São Paulo: Outras Expressões, 2014, 343p.

*Maíra Machado Bichir**

Publicado em 2004 no México e traduzido agora para o português, *O Estado no centro da mundialização* representa uma importante contribuição de Jaime Osorio ao pensamento latino-americano. Escrito em um contexto de grandes debates teóricos sobre as mudanças políticas e econômicas internacionais, Osorio polemiza com as teses sobre a globalização e a mundialização, defendendo a centralidade do Estado no mundo contemporâneo. Diante dos argumentos da *débâcle* do Estado, de seu enfraquecimento e desestruturação e de emergência de novos atores internacionais, o autor afirma a permanência do protagonismo estatal. Ao mesmo tempo, sua obra representa um original esforço no âmbito da Teoria da Dependência, qual seja, o de articular a teoria marxista do Estado à abordagem dependentista.

O livro está dividido em onze capítulos independentes, mas articulados por meio de três seções temáticas. Alguns elementos perpassam a obra como um todo, como é o caso da preocupação do autor com a definição e precisão dos conceitos por ele empregados; a escolha da América Latina como pano de fundo empírico para as análises realizadas; o referencial teórico-metodológico marxista e a visão de mundo de Osorio; bem como a marcante herança do pensamento crítico

* Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista da Capes. *E-mail:* mairabichir@gmail.com.

latino-americano em suas formulações. Outro ponto que merece destaque é a interlocução crítica de Osorio com diversos autores marxistas e não marxistas em quase toda a obra, fato que enriquece sua exposição, permitindo, ao mesmo tempo, o esclarecimento de seus argumentos e posições.

Na primeira seção há uma recuperação do debate marxista sobre Estado, a partir das concepções de Marx, Lenin, Gramsci e Poulantzas e uma enfática crítica às perspectivas contratualistas, pluralistas e elitistas sobre Estado e poder. Apoiado na definição poulantziana, de *O Estado, o poder; o socialismo*, segundo a qual o Estado representa a condensação material das relações sociais, Osorio busca restaurar a unidade entre economia e política em sua análise, estabelecendo os nexos entre o Estado, poder político, classes sociais e reprodução do capital. Para isso, o autor esmiúça a estrutura, as funções, as especificidades e os limites do Estado capitalista; diferencia poder de poder político; distingue entre Estado e aparato de Estado; realiza uma sociologia das classes sociais; discute e problematiza as questões sobre como as tendências de reprodução do capital se convertem em posições hegemônicas no campo estatal e sobre o que torna possível que o Estado realize os interesses das classes dominadas. Nesse processo, conceitos como bloco no poder, frações de classe, autonomia relativa, hegemonia, consenso e coerção são resgatados, ao passo que outros como classe reinante, classe mantenedora do Estado, classe política e cena política são reformulados por Osorio.

Na segunda seção, quatro eixos temáticos são discutidos. O primeiro deles diz respeito aos debates sobre a globalização e a mundialização e sobre o papel do Estado nesses processos. Enquanto aquela é rejeitada pelo autor, esta é articulada à noção de imperialismo, já que, embora se refiram a processos particulares, estão situadas no mesmo nível de análise – o sistema mundial capitalista – e se potencializam e condicionam mutuamente. Refuta-se a tese de que o Estado corresponderia a um obstáculo ao processo de mundialização e reconhece-se seu papel junto aos capitais nacionais, em suas operações de investimento, apropriação de matérias-primas e abertura de mercados no plano mundial.

Em seguida, Osorio destaca a hierarquia de poder que marca o sistema interestatal e as diferenças existentes entre os Estados imperialistas e os Estados dependentes, dedicando um capítulo à caracterização do Estado no capitalismo dependente latino-americano. Para o autor, dois elementos centrais caracterizam os Estados dependentes latino-americanos. O primeiro deles é a soberania restringida desses Estados, o que não significa, segundo o autor, que falte algo a esse Estado, mas sim que suas ações se encontram subordinadas às operações e decisões dos centros imperialistas. As classes sociais dominantes locais têm suas condições de vida e de reprodução condicionadas pelo capital imperialista e por seus projetos, o que reproduz a dependência e a subordinação. O outro elemento é a particularidade da exploração nas sociedades dependentes, a qual se sustenta na superexploração da força de trabalho. A conjunção desses dois fatores implica o desenvolvimento de um capitalismo que agudiza os elementos de barbárie e

reduz o campo das classes dominantes para estabelecer modalidades de domínio sustentadas em formas estáveis de consenso, o que explica a fragilidade democrática na região, ameaçada sempre por processos que a fragilizam e por tendências autoritárias.

Ainda na segunda seção, Osorio discute as mudanças ocorridas nos Estados latino-americanos ao longo do século XX e a relação entre Estado e democracia na América Latina. Os Estados desenvolvimentista, contra-insurgente e neoliberal são analisados no que tange tanto às alianças de classe e ao bloco no poder que os constituíam, quanto às suas articulações com os diferentes padrões de reprodução do capital que tiveram lugar na região. Quanto à temática da democracia, Osorio se debruça sobre o processo de transição democrática na região e chama atenção para um aparente paradoxo que se criou nas últimas duas décadas: enquanto a economia se tornava cada vez mais excludente, a política passava a incluir mais e mais cidadãos. O autor questiona tal paradoxo ao explicitar sua concepção de democracia formal e de democracia substantiva, já que para Osorio a participação política segue subordinada aos ditames do grande capital e das classes dominantes. Em sua perspectiva, vivemos atualmente uma “neoligarquização do Estado com ‘coro’ eleitoral”.

A terceira e última seção tem como objeto central a relação entre Estado e sociedade civil e apresenta um diálogo crítico de Jaime Osorio com o pensamento de Antonio Gramsci. Segundo Osorio, o pensamento gramsciano sobre o tema é marcado por imprecisões conceituais presentes em sua definição de Estado, nos mecanismos de coerção e consenso pertinentes ao Estado e à sociedade civil, bem como em sua estratégia revolucionária, baseada na guerra de movimento e na guerra de posições. Tais imprecisões produzem como consequência, segundo o autor, a diluição das particularidades do Estado, relegando-o a um papel secundário e, ao mesmo tempo, puderam ser apropriadas e transformadas por vieses liberais e reformistas.

A obra de Osorio confere centralidade a um tema de fundamental relevância para os estudos marxistas, a política e o Estado, e o faz de maneira articulada à dimensão econômica, explorando seus complexos e variados nexos em relação às classes sociais. Ao combinar um estudo teórico rigoroso à análise da política na América Latina, o autor oferece caminhos promissores aos cientistas políticos da região. Embora a obra goze de densidade teórica e amplitude temática, alguns elementos carecem de maior desenvolvimento, como é o caso do neodesenvolvimentismo e do debate em torno do fim do proletariado, temas contemporâneos que recebem um tratamento apressado pelo autor. Outro ponto controverso é a argumentação de Osorio em relação à concepção de Estado de Gramsci. As imprecisões teóricas levantadas pelo autor poderiam ser confrontadas por meio de uma leitura genético-diacrônica da obra gramsciana, que considerasse a unidade-distinção que caracteriza a construção de seus pares conceituais, Estado-sociedade civil, coerção-consenso, guerra de movimento-guerra de posição.

Palavras-chave: Estado, mundialização, globalização, Teoria da Dependência.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A grande virada de Lenin

João Quartim de Moraes

A moral em Marx

Yvon Quiniou

Althusser, o marxismo e o historicismo

Maurício Vieira Martins

Edição da *MEGA*: da política à filologia

Gerald Hubmann

Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira

Claus Germer, Eleutério Prado e

Pedro Leão da Costa Neto

34